

POR TEMER SE TRATAR DE MANOBRA PARA O ASSASSINAR

Anibalzinho teve medo de fugir

ALVARITO DE CARVALHO

Aníbal dos Santos Júnior (Anibalzinho), condenado a trinta anos de cadeia em conexão com o assassinato do jornalista Carlos Cardoso, teve medo de escapular das celas do Comando da Cidade porque suspeitou que fosse parte das manobras para o silenciar. Esta informação foi-nos segredada por uma fonte policial que nos confidenciou ainda que Anibalzinho não viu com bons olhos a facilidade criada para se escapular do comando.

"Tudo havia sido previamente planeado para que a fuga de Anibalzinho não falhasse", reafirmou a fonte para, em seguida, estranhar o facto de as autoridades policiais terem descoberto a fuga de seis presumíveis cadastrados nas primeiras horas de terça-feira, apesar de estas fugas terem iniciado na noite de sábado com a fuga de dois reclusos, tendo o sétimo cadastrado sido recapturado quando tentava fugir da cela, segunda-feira.

Paradoxalmente e contrariando o espectáculo folclórico que caracterizou as anteriores fugas do "mecânico do Alto-Maé", o Comando-Geral da Polícia da República ainda não criou uma comissão de inquérito para investigar as passeatas dos seis reclusos.

De recordar que as autoridades policiais da cidade e província de Maputo decidiram unilateralmente activar os calabouços do Comando da PRM para encarcerar supostos perigosos cadastrados alegando tratar-se de "lugar bastante seguro" em relação à catalogada Cadeia de Máxima Segu-

rança da Machava (BO).

Num passado recente, o trio criminoso constituído por Anibalzinho, Custódio Luís de Jesus (Todinho) e Samuel Nhare (Samito) evadiram-se em plena luz do dia do Comando da PRM em Maputo, local onde se encontravam encarcerados em celas separadas.

Enquanto Anibalzinho encontra-se encarcerado no âmbito do "caso Cardoso", Todinho e o empresário Bernardo Timana se encontravam sob custódia policial implicados na morte do antigo director da Cadeia Central, Miguel Jorge Microsse.

Samito, perigoso cadastrado implicado nos crimes de homicídio, roubo e assalto a instituições bancárias, fora acusado de ser cúmplice principal de Agostinho Chauque, o criminoso mais procurado pela Polícia moçambicana nos últimos anos, entretan-



to abatido.

Um dia antes da fuga dos três cadastrados foi disseminada por escrito uma informação que reportava a apreensão de diversos instrumentos metálicos. Na ocasião, a comissão de inquérito, nomeada pelo ministro do Interior, José Pacheco, integrava três

quadros e foi chefiada pelo então director nacional da Polícia de Investigação Criminal, Carlos Comé.

Os resultados da aludida comissão de inquérito constataram que o comandante da cidade, o director da Ordem e Segurança Pública (assassinado em Dezembro de 2008), o

chefe das Operações, o chefe do Departamento de Protecção e o chefe das Celas não tomaram quaisquer medidas tendentes a reduzir o risco de fuga, apesar de terem tomado conhecimento por escrito de estarem em curso actos preparatórios para a fuga dos três criminosos.

"Porém, a direcção do Comando da PRM na Cidade de Maputo, segundo o relatório, não valorizou estes factos, o buraco não foi tapado e nem foi reportado no relatório de ocorrências diárias, como se impunha".

O documento refere que os membros do Comando da PRM na Cidade de Maputo estiveram nas instalações nos dias 6 e 7 de Dezembro e não tomaram medidas preventivas e nem emitiram instruções para evitar a fuga, por já existirem sinais da sua efectivação.

Após a alegada fuga

dos três criminosos, o ministro do Interior ordenou a detenção dos sete membros da PRM que compunham o turno de guarnição no dia da ocorrência e a cessação de funções dos quadros de direcção do Comando da Cidade, nomeadamente o respectivo comandante José Tomás, o chefe do Departamento de Protecção, Clemente Nhacula, o chefe do Departamento de Operações na Direcção da Ordem e Segurança Pública naquela instância policial, William Faife Tivane, e o chefe das Celas, Jorge Torreza.

Face às evidências de negligência da direcção do Comando da Cidade, constatadas pela comissão de inquérito, o ministro decidiu instaurar processos criminais contra José Tomás, Clemente Nhacula, William Tivane, Jorge Torreza, e ainda o Adjunto de Superintendente da Polícia, Jorge Manuel Correia.

Na sequência dos factos foi decidida igualmente a restituição à liberdade dos seis guardas da Polícia detidos em conexão com a fuga, "por não se provar o seu envolvimento nos preparativos e na execução da fuga".

DURANTE A VISITA DE GUEBUZA A SUA SEDE

Rio Tinto garante sucesso em Tete

O Director Executivo da Rio Tinto, Doug Ritchie, garantiu ao Governo moçambicano que a sua companhia possui capacidade técnica e financeira para implementar, com sucesso, o projecto de carvão na província de Tete.

A garantia foi dada ontem, ao Presidente Armando Guebuza, durante uma visita que o estadista efectuou às infra-estruturas de minério de ferro da multinacional anglo australiana, Rio Tinto, na região de Karratha, que dista cerca de 1300 quilómetros da cidade de Perth, na Austrália

Ocidental.

Segundo Doug Ritchie, a Rio Tinto é um dos poucos grupos no mundo com capacidade, valores e incentivos para desenvolver projectos com rapidez e com um padrão de classe mundial.

Refira-se que o grupo assumiu recentemente o

controlo total da Riversdale após a aquisição das participações detidas pela empresa indiana Tata, accedendo, assim, às enormes reservas de carvão que a empresa explora em Tete.

"A sua visita é muito importante para nós, visto que a Rio Tinto deseja construir uma empresa de carvão grande, rentável e de classe mundial em Moçambique. Na sequência da nossa aquisição, este ano, do património da anterior empresa de mineração de carvão Riversdale, ambicionamos desenvolver o mesmo para maximizar o

valor económico", disse o responsável da Rio Tinto, falando durante a apresentação das actividades daquela empresa.

Na ocasião, observou que para o sucesso do projecto será necessário realizar grandes investimentos, sobretudo na área de infra-estruturas e cumprimento integral do seu cronograma de trabalhos.

Segundo Ritchie, quanto maior for a eficiência e produtividade das operações, maior será o valor do património que a Rio Tinto irá criar em Moçambique.

"Estamos à busca de colaboração do Governo moçambicano, porque serão fundamentais cronogramas de desenvolvimento curtos para a maximização do seu valor económico.

Ele manifestou a vontade de trabalhar com as autoridades moçambicanas para assegurar que a infra-estrutura e os resultados a ela associados estejam alinhadas com as necessidades da empresa, com os objectivos de desenvolvimento sustentável e com os planos estratégicos do Governo de Moçam-

bique.

Por seu turno, o director executivo da Rio Tinto Coal Mozambique, Eric Finlayson, reconheceu as enormes potencialidades de carvão em Moçambique, indicando que este país pode tornar-se num dos maiores produtores mundiais de carvão mineral.

Contudo, é necessário combinar o potencial existente com investimentos massivos em infra-estruturas, tais como ferrovias, portos, estradas e eventualmente transporte fluvial. (AIM/Noticias)